

**Rachel Cecília de Oliveira Costa**

**Eva Batlickova, *A Época Brasileira de Vilém Flusser***

**São Paulo, Annablume, 2010. 152p.**

O livro possui um objetivo inédito: explorar o período filosófico menos abordado pelos estudos flusserianos, qual seja, quando Flusser morou e participou da cena filosófica brasileira. Para tanto, Eva Batlickova retoma a ordem original de escrita do filósofo, procurando reconstruir a progressão geral de seu pensamento a partir de suas principais características. A autora faz apenas alguns comentários de cunho crítico, na maior parte do livro ela se atém a uma descrição dos argumentos utilizados por Flusser nas obras em que escreveu no Brasil. Os últimos capítulos são uma tentativa de esclarecer essa estrutura argumentativa e de mostrar a conexão existente entre essas obras e as referentes à filosofia da comunicação, que o tornou conhecido. É importante ressaltar que Eva Batlickova é tcheca, assim com Vilém Flusser, e dedicou sua vida acadêmica ao estudo tanto do português como da filosofia flusseriana. Fez mestrado em Filosofia e Língua e Literatura Portuguesa na Universidade de Masaryk, em Brno, República Tcheca.

O livro é dividido em 10 capítulos, quais sejam: 1. A vida e obra de Vilém Flusser; 2. Contextualização do pensamento filosófico de Vilém Flusser; 3. Datação dos livros da época brasileira de Vilém Flusser; 4. A História do Diabo; 5. Língua e Realidade; 6. A Dúvida; 7. Palestras no ITA sobre filosofia da linguagem; 8. Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem; 9. Discursos alternativos de Vilém Flusser; 10. Construindo pontes, ou seja, em vez de uma conclusão.

No primeiro é feita uma biografia do filósofo, abordando tanto aspectos da sua vida pessoal, quanto os momentos mais relevantes de sua vida intelectual. Essa biografia se mostra importante, já que Flusser ainda não dispensa apresentações. A autora aproveita a conjunção entre a biografia intelectual e a pessoal para mostrar a diferença existente entre as obras publicadas no período brasileiro e as publicadas enquanto morou na Europa, enfatizando assim, seu objetivo, de realizar um trabalho exclusivamente sobre a época brasileira de Vilém Flusser, trabalhando, inclusive, com textos que foram escritos nesse período, mas publicados somente após a sua morte.

No segundo capítulo a autora faz um panorama das principais vertentes filosóficas do século XX, privilegiando as que influenciaram diretamente o pensamento de Flusser. Batlickova diz que o filósofo se utiliza principalmente da Filosofia da Linguagem e do Existencialismo para elaborar seu pensamento, mas também é muito influenciado pelo pensamento oriental, o budismo principalmente. Ela afirma que a conjunção que Flusser faz entre o pensamento ocidental e

oriental tem um objetivo principal: explicar o ocidente e a nossa situação realçando através dessa conjunção uma religiosidade antropológica profunda, contra a racionalidade fria característica de seus principais influenciadores.

O terceiro capítulo é pequeno e direto, pois como diz seu próprio nome, é nele que Eva Batlickova mostra a importância de sabermos a cronologia dos livros de Flusser para conseguirmos entender a unidade de seu pensamento. Dando continuidade na apresentação de cada capítulo, observaremos que os capítulos de quatro a oito são, cada um, sobre uma obra flusseriana.

O capítulo quatro é sobre o primeiro livro escrito por Flusser, “A História do Diabo”. Ele não é o primeiro livro publicado pelo filósofo, pois foi escrito primeiramente em alemão e ele não encontrou uma editora interessada em publicá-lo. O seu segundo livro, “Língua e Realidade”, foi sua primeira publicação e após este ele traduziu o “A História do Diabo” para o português. Por isso, existem diferenças substanciais entre o livro em alemão e o em português, as quais são ressaltadas pela autora. Eva compara a versão em alemão e a portuguesa do livro, verificando as diferenças e enfatizando-as, devido ao período de sete anos existente entre a escrita em alemão e a tradução para o português. A versão alemã possui conclusões menos irônicas segundo a autora, além disso, nos capítulos Inveja, Avareza, Soberba e Preguiça, Flusser incluiu suas reflexões realizadas em “Língua e Realidade”.

A História do Diabo é um livro que tenta compreender a civilização ocidental, através de uma análise metafórica da relação entre Deus e Diabo, afirmando que o mundo é resultado de ações diabólicas. Por isso, o livro é subdividido de acordo com os sete pecados capitais: Luxúria, Ira, Gula, Inveja, Avareza, Soberba e Preguiça.

Ao realizar a análise da obra, Eva demonstra a proximidade entre a Luxúria, a Ira e a Gula, mostrando-os como constituidores da realidade, que é a língua. Já a inveja e a avareza são os pecados que buscam a realidade lingüística, através de sua materialização, ou seja, através da sociedade. Enquanto a soberba é a criação, a expressão da vontade humana, como união de língua e mundo. A preguiça ou tristeza (sinonímia realizada pelo próprio Flusser) mostra a situação de tensão entre os dois opostos, entre a vivência e o discurso. Dentro dessa estrutura, Eva ressalta o aspecto existencial da análise da sociedade ocidental feita por Flusser, afirmando que “[e]ssa é uma das grandes contribuições de Flusser à filosofia e à ciência em geral: ele consegue criar um novo discurso científico, aproveitando várias dimensões do pensamento humano, aproximando-o às necessidades existenciais do mundo atual” (Batlickova 2010: 60).

O capítulo cinco aborda o livro “Língua e Realidade”. Para a autora esse é o principal livro desse período, ele é estruturador das idéias do filósofo. “Língua e Realidade” faz uma análise fenomenológica da linguagem com o intuito de compreender o pensamento racionalizado da

civilização ocidental. Para isso, Flusser faz uma ontologia da língua através de cinco subcapítulos denominados: Língua é Realidade, A Língua Forma Realidade; A Língua Cria Realidade; A Língua Propaga Realidade; e Conclusão: A Grande Conversação.

Durante a análise do livro, Eva Batlickova aponta as proximidades do pensamento flusseriano para os de outros filósofos, mostrando também os aspectos originais do mesmo, o que nos permite fazer eco a sua afirmação: “Esse livro apresenta inúmeros traços pioneiros e inovadores no campo da filosofia, fato até agora praticamente ignorado. Um dos mais revolucionários é a análise dos conceitos filosóficos tradicionais à partir da análise das gramáticas das línguas nacionais. [...] O livro de Flusser não causou grande repercussão na sua época. Mas o que despertou grande interesse na França, dois anos depois de ser lançado *Língua e Realidade*, foi o livro de Émile Benveniste publicado pela editora Gallimard, *Problemas das generalizações lingüísticas*. O filósofo francês dedicou um dos capítulos à análise das categorias aristotélicas com o mesmo resultado descrito por Flusser.” (Batlickova 2010: 32).

Nessa obra Flusser demonstra a equivalência entre língua e realidade através da construção de uma argumentação baseada na seguinte premissa: Nosso intelecto se articula através da língua, o que significa que sem ela não conhecemos nada. Sendo assim, toda a realidade percebida pelo ser humano é mediada pela língua. A questão é que se houvesse apenas uma língua não haveria problemas com essa equivalência, mas a pluralidade lingüística aponta a pluralidade de realidades vivenciadas pelos homens, já que nenhuma língua consegue expressar completamente a realidade. No capítulo seis, sobre a obra “A dúvida”, Eva ressalta que este livro, apesar de publicado apenas em 1999, continua, em certo sentido, a argumentação feita pelo filósofo em “Língua e Realidade”. A grande diferença é que este estrutura uma ontologia da língua e o outro uma epistemologia da mesma, ressaltando aspectos existenciais dessa epistemologia. Eva aponta que Flusser utiliza a dúvida tanto como princípio do conhecimento, quanto como estagnação do mesmo, e é isso que gera aspectos existenciais extremamente relevantes para compreender a cultura ocidental. Sendo assim, Flusser analisa vários aspectos da dúvida a partir de uma estrutura histórica, enfatizando o desenvolvimento da cultura ocidental. Segundo Eva, através dos subcapítulos deste livro, Flusser faz sua análise existencial da língua que desemboca na religiosidade como essência humana, como uma dimensão inseparável de nossas vidas. A autora ressalta essa religiosidade, mostrando que Flusser fala de uma religiosidade antropológica e independente de instituição religiosa.

No capítulo sete, sobre as palestras proferidas por Vilém Flusser no ITA, Eva Batlickova demonstra o caráter didático dessas palestras, pois foram escritas para serem faladas e compreendidas por estudantes de graduação dos cursos de engenharia. O tema dessas palestras são os mesmos temas abordados pelo filósofo em “Língua e Realidade” e “A Dúvida”, mas

muitos trechos herméticos são explicitados com maior clareza, o que torna essa série de palestras um excelente material de auxílio para os estudiosos dessas obras e para os iniciantes, que desejam compreendê-las melhor.

O capítulo oito versa sobre o livro “Fenomenologia do Brasileiro”, no qual Flusser esboça um mapa da realidade brasileira e do brasileiro. A autora observa que o filósofo tenta mostrar o brasileiro do ponto de vista da ludicidade, ponto esse totalmente diferente dos realizados por outros autores. O objetivo de Flusser é mostrar que o brasileiro, e o Brasil, com suas características que misturam pontos históricos e a-históricos, possui o germe que possibilita a realização do que Flusser chama de “novo homem”. O novo homem é aquele que está fora do fluxo esmagador da história ocidental e por isso pode viver autenticamente.

Para demonstrar isso o livro é subdividido da seguinte maneira: Imigração; Natureza; Defasagem; Alienação; Miséria; Cultura; Língua; e Diagnóstico e Prognóstico. Através desses pontos Flusser demonstra do seu ponto de vista, como Eva Batlickova enfatiza com clareza, as principais características que permitem que o brasileiro tenha essa potencialidade de se tornar “o novo homem”.

No capítulo nove são abordados os métodos argumentativos e o estilo do filósofo a partir das três principais estratégias utilizadas por Flusser em seus textos: o Ensaio, a Poesia e a Auto-tradução. Batlickova direciona sua argumentação principalmente para o ensaio, que é o principal método e estilo de escrita utilizado por Flusser. Mas a poesia e a auto-tradução também são de suma importância. Ao denominar poesia, o que Flusser faz, é necessário explicar esse termo. A autora mostra que poesia para Flusser é o trabalho de criar com a língua e que não está restrito ao estilo da literatura. A auto-tradução era o método de trabalho de Flusser, pois ele traduzia e re-traduzia seus próprios textos, como a própria Eva cita, tentando encontrar o núcleo comum das línguas, ou seja, tentar chegar mais próximo da realidade.

O último e curto capítulo dez, o qual se configura como uma conclusão, pretende demonstrar os objetivos da autora com sua escolha metodológica. Nesse capítulo Eva Batlickova deixa claro que ao escolher como tema do trabalho a época brasileira de Vilém Flusser, pretende dirimir o senso comum de que a obra do filósofo segue um outro caminho ao se direcionar para as mídias. O que a autora pretende é mostrar que não existem fronteiras entre o filósofo da comunicação e o da linguagem, assim como mostrar Flusser como um pensador plural e extremamente frutífero para se pensar a sociedade ocidental contemporânea.

Possuo algumas críticas a respeito da estrutura e da forma de abordar utilizada por Eva Batlickova, as quais se tornam proeminentes em momentos específicos do livro.

Primeiramente, gostaria de enfatizar que discordo da forma como Batlickova faz a apresentação dos ramos filosóficos contemporâneos sem realizar uma conexão direta com o

pensamento flusseriano. Por isso, considero a abordagem superficial, e sem cumprir sua real função, pois para os que já conhecem a filosofia contemporânea o capítulo é desnecessário e para os que não conhecem ele é superficial demais, pois realiza apenas apontamentos sobre cada uma das principais vertentes.

Outra questão está na afirmação de que Flusser se torna filósofo da comunicação. Entendo que ele se torna filósofo das mídias e por isso muitas vezes é denominado de filósofo das comunicações de forma errônea, já que filosofia da mídia é algo muito mais abrangente que a primeira. Poderíamos até discutir se há necessidade de uma outra qualificação para Flusser, tendo em vista que ele se adequaria muito bem dentro do grande escopo da filosofia da linguagem. Contudo, a linguagem que o preocupa no final de sua vida é a linguagem midiática no sentido amplo do termo, como o filósofo sempre utiliza.

O capítulo nove, sobre os estilos de argumentação utilizados por Flusser é bastante esclarecedor, no sentido de apontar os motivos das ironias que Flusser cria durante seus livros e principalmente em suas conclusões, como a própria autora ressalta durante as análises dos mesmos. Assim como para tornar compreensível a estrutura argumentativa utilizada pelo filósofo. Mas penso que esse capítulo deveria se encontrar no início do livro, pois o considero com a mesma função do capítulo dois, já que ele faz uma contextualização estrutural das obras do filósofo. Para um leitor iniciante, muitas dessas estruturas só serão esclarecidas após a leitura deste penúltimo capítulo.

O objetivo do texto de Eva Batlickova é muito interessante, pois ressaltar apenas a época brasileira de Vilém Flusser mostra seus trabalhos iniciais e menos conhecidos, e também pelo fato de os textos terem aparência de serem os mais difíceis devido à própria temática dos mesmos. Esses textos são de extrema importância para os estudos flusserianos. Acredito que toda a obra do filósofo está partindo de um mesmo pressuposto, tanto a obra brasileira como a alemã, que é o problema da realidade mediada pela linguagem. A questão é que Flusser entende como linguagem algo muito mais abrangente que as línguas: flexionais, aglutinantes e isolantes que ele aborda em “Língua e Realidade”. A linguagem, para o filósofo, está diretamente associada com as várias formas de tentar acessar a realidade, como ele diz em texto do mesmo período: “Hoje parece mais plausível que são os métodos científicos os responsáveis pela hierarquia reinante no campo da “realidade” e que esses métodos se cruzam e são, de certa forma, incompatíveis entre si, o que torna altamente problemática a estrutura da “realidade”. Tentarei sugerir neste artigo que os diferentes métodos científicos são outras tantas “*façons de parler*” e que a estrutura da “realidade” é consequência dessa multiplicidade de línguas”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Limites Borrados”, SL., OESP, 8 (398): 1, 19.09.64.

Assim, a época brasileira de Vilém Flusser é importante em dois sentidos: para os que estudam, ou gostariam de estudar o período designado, e para aqueles que se dedicam aos estudos de sua filosofia da comunicação, como forma de ajudar a entender as várias partes de seus textos, em que são necessários maiores conhecimentos da obra do filósofo, para não serem desconsideradas, e para que não haja um entendimento superficial de sua compreensão da imagem.

Concluindo, o livro de Eva Batlickova é uma excelente referência para os novos interessados na filosofia de Vilém Flusser. Ele preenche uma lacuna na bibliografia brasileira, pois se configura como uma obra introdutória ao pensamento do filósofo, auxiliando os interessados a compreenderem a complexidade velada pelas metáforas e estruturas argumentativas utilizadas por Flusser, além de serem textos de leitura muito agradável, o que muitas vezes leva a uma ilusão de facilidade do conteúdo dos mesmos. Citando Flusser: “Em suma: deve ser lido”<sup>2</sup>.

Rachel Cecília de Oliveira Costa é doutoranda do programa de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais na linha de Estética e Filosofia da Arte, sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Antônio de Paiva Duarte, cuja tese se denomina “Arte contemporânea como Arte Pós-Histórica: uma investigação à partir de Arthur Danto e Vilém Flusser”; e Professora de Estética dos cursos de Artes Plásticas e Educação Artística da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais. Fez mestrado sobre a obra de Vilém Flusser cujo título é “Imagem e Linguagem na Pós-História de Vilém Flusser”.

---

<sup>2</sup>“J.C Ismael, Cinema e Circunstancia”, Coleção Buriti, São Paulo, 1965, 146. SL, OESP, (475): 2, 30.04.66.